

Gentílicos e topónimos portugueses: algumas questões

Portuguese demonyms and toponyms: some issues

Esperança CARDEIRA*

Alina VILLALVA**

RESUMO: Gentílicos são adjetivos ou substantivos que referem uma relação com um topónimo nacional ou regional. Há várias formas de obter este tipo de palavras em português e não há regra claras que permitam tornar a escolha previsível. Na verdade, os gentílicos sofrem um efeito de tradição que pode torná-los muito diferentes dos topónimos a que se referem (por exemplo, a utilização de formas latinas ou latinizadas para um gentílico, mas não para o topónimo, resulta num par pouco transparente, como *Castelo-Branco/albicastrense*). Por outro lado, o português dispõe de um grande número de sufixos para a derivação deste tipo de palavras: *Polónia-polaco; México-mexicano; França-francês; Espanha-espanhol*. Esta multiplicidade de escolhas gera contrastes entre o português europeu e o português brasileiro: por exemplo, *polaco* e *polonês* ou *canadiano* e *canadense*. O estudo dos gentílicos não tem atraído a atenção dos linguistas portugueses. Existe um antigo vocabulário geográfico (BERGSTROM e REIS), publicado desde 1955, que enumera cerca de 200 gentílicos portugueses e define formas portuguesas

ABSTRACT: Demonyms are words that express the national or regional origin. There are several ways to derive these names in Portuguese and there is no strict rule. As a matter of fact, demonyms suffer the effect of tradition that sometimes makes them very different from the toponyms they refer to (e.g. the use of Latin or Latinized forms for a demonym but not for the toponym results in a completely unclear pair, such as *Castelo-Branco/albicastrense*). Furthermore, Portuguese can appeal to a large number of suffixes for the derivation of demonyms, and the choice is not predictable: *Polónia-polaco; México-mexicano; França-francês; Espanha-espanhol*. Moreover, the multiplicity of choices causes differences between European Portuguese and Brazilian Portuguese: e.g. *polaco* and *polonês* or *canadiano* and *canadense*. Up to the present, the study of demonyms has not attracted the attention of Portuguese linguists. There is an old geographical vocabulary, by Magnus Bergstrom and Neves Reis, with over 30 reprints since 1955, which lists about 200 Portuguese demonyms and sets Portuguese forms for foreign demonyms (such as *Oxónia* and

* Doutora em Linguística, Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras e Centro de Linguística), ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4700-9830>. ecardeira@campus.ul.pt

** Doutora em Linguística, Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras e Centro de Linguística), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7798-5034>. alinavillalva@campus.ul.pt

para gentílicos estrangeiros (como *Oxónia* ou *Ausburgo*). Um vocabulário mais recente, o *Dicionário de Gentílicos e Topónimos*, levanta novamente a questão da normalização dos gentílicos e altera alguns deles. No entanto, nem todas as palavras listadas neste dicionário estão realmente presentes no uso contemporâneo do português. O presente trabalho consiste numa descrição e análise crítica deste léxico (por amostragem), procurando encontrar padrões dominantes e fatores de variação, nomeadamente históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Gentílicos. Onomástica. Toponímia. Português europeu. Português brasileiro.

Ausburgo). Nowadays, a recent online vocabulary, *Dicionário de Gentílicos e Topónimos*, raises again the issue of the standardization of demonyms and changes some of them. Yet, it should be noted that not all the words that this new dictionary lists are present in contemporary Portuguese usage. The present paper consists of a description and critical analysis of this lexicon (by sampling), seeking to find dominant patterns and variation factors, namely historical.

KEYWORDS: Demyonyms. Onomastics. Toponymy. European Portuguese. Brazilian Portuguese.

1 Terminologia

Os estudos sobre onomástica apresentam uma terminologia bem estabelecida, que se generalizou ao longo do século XIX, e que segue um modelo de formação de palavras que faz uso de radicais neoclássicos (principalmente de origem grega) para gerar derivados ou compostos, baseado em radicais de palavras gregas ou latinas, a que as línguas da Europa Ocidental recorreram abundantemente, sobretudo desde o período do Renascimento. Frequentemente, os neologismos criados numa das línguas europeias, a partir desses radicais gregos ou latinos, foram depois tomados de empréstimo pelas línguas vizinhas.

A palavra *onomástica* pode exemplificar este processo. Segundo o *Online Etymology Dictionary*, o adjetivo *onomastic* ('of, pertaining to, or consisting of a name') regista-se em inglês em 1716, sendo um empréstimo do francês; *onomastics*, com o significado atual de 'estudo científico dos nomes', só está atestado em 1930. Em francês, segundo o *Trésor de la Langue Française*, o substantivo *onomastique* ocorre em 1578 na aceção de 'explication du sens des mots'; só no século XIX se regista

onomastique no sentido de ‘liste des noms propres’ e ‘étude des noms propres’. O adjetivo e o substantivo franceses têm origem no grego *onomastikos*, um derivado de *onoma*, que significava ‘name of a person or thing’ ou ‘noun [as one of five parts of speech]’ (cf. *Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon*).

O termo *onomástico* é, portanto, um empréstimo neoclássico francês, proveniente do grego antigo, e que se expandiu para o inglês e para o português (assim como para muitas outras línguas) no século XIX, quando este tema começou a interessar aos filólogos. A raiz grega *-onom-*, ou uma versão fonética ligeiramente diferente (*-onim-*), foi então sistematicamente usada para a criação de outras palavras neoclássicas, como *antroponímia* e *toponímia*, que serviram precisamente para dar nome aos dois principais ramos da *onomástica*.

Quanto a *antroponímia*, trata-se de uma criação portuguesa, do filólogo Leite de Vasconcelos, registrada em artigo publicado em 1887 (cf. Machado 1995; TLFi) e cunhada a partir de dois empréstimos do grego clássico (*antrop-* e *-onim-*). Alguns antropónimos podem funcionar como *epónimos* (do grego *epónymos*, ‘que dá o seu nome a alguma coisa’), não apenas nomeando lugares (como *Vimara* → *Vimaranis* > *Guimarães*) mas também fornecendo adjetivos relacionais (como *Freud* → *freudiano*), substantivos (como *Marx* → *marxismo*) ou verbos (como *Boycott* → *boicotar*).

Quanto à palavra *toponímia* e equivalentes noutras línguas, a sua história está menos documentada, mas a maioria das fontes monolíngues datam-na igualmente do último quartel do século XIX. Tal como acontece com *antroponímia*, a origem de *toponímia* é grega (*topos* + *onim*)¹. Assim como os *antroponimos*, também os *topónimos* permitem derivar substantivos e adjetivos relacionais, particularmente os que se relacionam com a origem nacional ou regional, geralmente designados como *gentílicos*.

¹ Para além de *onomástica*, *antroponímia* e *toponímia*, são neologismos formados com base em empréstimos do grego clássico: *coronímia* e *corónimo* (nome de região); *oronímia* e *orónimo* (nome de monte e outros relevos); *hidronímia* e *hidrónimo*; *hidrotopónimo*, bem como o seu sinónimo *potamónimo* (nome de curso de água); *limnónimo* (nome de lago); e *talassónimo* (nome de mar ou oceano).

Quanto a *gentílico*, trata-se de um termo de origem latina (do latim tardio GENTILĪCU-, ‘próprio de uma *gens* ou família’). A sua origem contrasta, portanto, com a origem grega da restante terminologia referente ao nome próprio.

Na verdade, *gentílico* tem um sinónimo de origem grega, que é *demónimo*. No entanto, ao contrário da restante terminologia do campo das designações de nomes próprios, para a qual a tradição parece ter preferido as raízes gregas, o uso desta forma de origem grega é raro. No motor de busca da *Google*, registam-se, desde 2004, mais de 1700 pesquisas de *gentílico* e nenhuma de *demónimo*. Respeitando a tradição, embora *demónimo* fosse uma escolha mais coerente no quadro deste paradigma terminológico, no presente trabalho retém-se a designação *gentílico*.

2 Topónimos

A toponímia portuguesa espelha a história do país. Os topónimos são principalmente de origem latina, datando do período do domínio romano (por exemplo, *Évora* < EBŎRA- e *Porto* < PŎRTU-), mas também se registra uma considerável quantidade de léxico geográfico pré-romano, o que concede à toponímia o estatuto de domínio privilegiado de preservação lexical de línguas de substrato (como *Aveiro*, nome proveniente de um substrato celta, ou *Viseu*, nome onde se encontra a raiz PIE *ves-, ‘montanha’, etc.). O mesmo se pode dizer da toponímia pós-romana, nomeadamente de origem germânica (como *Gondomar* < Gondemari ou *Guimarães* < Vimarani) ou árabe: *Alcaria* (< alqaríyyah), *Loulé* (< al-’olea), *Benagil*, *Benfarras* (Ibn-, Bin-, Benī-, Banū-), *Odemira*, *Odeceixe* (wadi-), etc.

A etimologia dos *topónimos* é muito relevante para o estudo dos *gentílicos*, uma vez que estes são geralmente formados a partir dos *topónimos*, frequentemente com base em formas antigas ou mesmo nos seus étimos (como EBŎRA > Évora → *eborense* ou Vimarani > *Guimarães* → *vimaranense*).

A fonte mais importante para o estudo dos topónimos portugueses é o *Reportório Toponímico de Portugal* (1967), desenvolvido pelo Serviço Cartográfico do Exército, que contém 170.000 nomes de lugares. Mas o estudo da toponímia portuguesa começou mais cedo, no século XVI, com um primeiro dicionário de Gaspar Barreiros, seguido de várias obras de qualidade desigual. Uma lista das principais obras sobre a toponímia de Portugal, ordenada cronologicamente, mostra que o tema tem recebido atenção constante desde esse momento:

- Corografia de alguns lugares* (Gaspar Barreiros, 1561)²
Prontuário das Terras de Portugal (Vicente Ribeiro de Meireles, 1689)
Corografia Portuguesa (António Carvalho da Costa, 1706-1712)
Dicionário Geográfico (Luís Cardoso, 1747-51)³
Mapa de Portugal Antigo e Moderno (João Baptista de Castro, 1762-1763)
Dicionário geográfico abreviado de Portugal (A. Fernandes Pereira, 1852)
Dicionário Geográfico (Pedro José Marques, 1853)
Portugal Antigo e Moderno (A. Pinho Leal & P. Augusto Ferreira, 1873-90)
Dicionário corográfico de Portugal (Emiliano Augusto Bettencourt, 1870)
Corografia Moderna do Reino de Portugal (J. M. Baptista, 1874-79)
Dicionário corográfico do reino de Portugal (A. Rodrigues de Andrade, 1878)
Dicionário de Geografia Universal (Tito Augusto de Carvalho, 1878-87)
Dicionário da Corografia de Portugal (Leite de Vasconcelos, 1884)
Dicionário postal e corográfico de Portugal (J. B. Silva Lopes, 1891-94)
Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular (A. Costa, 1949)
Reportório Toponímico de Portugal (1967)
Novo Dicionário Corográfico de Portugal (A. C. Amaral Frazão, 1981)
Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa (J. P. Machado, 1984).

É certo que as publicações de história ou filologia da primeira metade do século XX incluíam, quase sempre, um artigo sobre topónimos, principalmente de autores

² Barreiros descreve localidades de Espanha e Itália.

³ Os dois tomos deste dicionário incluem apenas as letras A, B e C.

como Leite de Vasconcelos, Joaquim da Silveira, José Joaquim Nunes, Joseph-Marie Piel e Cunha Serra. Esses artigos e monografias não foram, contudo, suficientes para sedimentar uma verdadeira tradição de descrição da toponímia portuguesa pelo que, até hoje, não existe uma obra de referência que apresente uma descrição sistemática. Esses pequenos ensaios foram geralmente motivados por questões etimológicas específicas e não pela discussão do topónimo propriamente dito. O dicionário onomástico de José Pedro Machado constitui uma exceção. Embora seja recente, dado que foi publicado na segunda metade do século XX, este dicionário está bastante desatualizado e tem sido objeto de fortes críticas. Assim, as ferramentas mais recentes e úteis para os estudos onomásticos são o *Reportório Toponímico de Portugal*, produzido pelo Serviço Topográfico do Exército, e o *Dicionário Corográfico de Portugal*, de Amaral Frazão.

Uma breve observação do conjunto de pesquisas sobre topónimos portugueses publicadas no século passado aponta para uma queda acentuada a partir da década de 70, que se converte numa quase inexistência no início do século XXI. A toponímia portuguesa é, portanto, um domínio muito negligenciado.

Ainda menos estudados do que os topónimos portugueses são os nomes portugueses para lugares estrangeiros: tanto quanto sabemos, não existe qualquer descrição sistemática dos topónimos de além-fronteiras que são ou já foram usados, nem de um conjunto de regras claras para a sua adaptação ao português. Embora a sistematização destes topónimos não tenha ainda sido realizada, não é difícil imaginar que se traduzirá num extenso conjunto de dados, que seria interessante conhecer e analisar à luz de processos históricos e culturais.

Na falta de um conjunto de regras específicas, deve admitir-se que a adaptação deste tipo de topónimos para o português estará sujeita às mesmas restrições que se aplicam a outros tipos de empréstimos. A adaptação portuguesa pode basear-se na versão escrita da fonte (como em *Edinburgh* → *Edimburgo*) ou na sua forma fonética

(*Dublin* → [ˈdɐblinɨ]); pode consistir numa tradução (cf. *United Kingdom* → *Reino Unido*; *England* → *Inglaterra* vs. *Ireland* → *Irlanda*); pode ser um empréstimo direto (como *France* → *França*) ou um empréstimo indireto (como *Finlândia*, que é uma adaptação portuguesa da palavra sueca *Finland*, que traduz o finlandês *Suomi*). Além das diversas formas de adaptação, deve, ainda, considerar-se a ocorrência de variação diacrónica, como se verifica no caso da substituição de *Pequim* por *Beijing*.

A expansão de Portugal, a partir do século XIV, deu origem a um conjunto específico de topónimos portugueses além-fronteiras. Os colonos portugueses honravam frequentemente as suas origens, atribuindo, a localidades recém-fundadas, o nome de lugar de que eram originários (cf. *Alcobaça*, no Brasil; *Nova Lisboa*, hoje *Huambo*, em Angola), ou o nome de algum compatriota ilustre (cf. *Estreito de Magalhães* ou *Silva Porto*, em Angola - agora *Cuíto*), ou de figuras religiosas (cf. a ilha de *São Tomé* ou o estado do *Espírito Santo*, no Brasil).

Ainda assim, muitos topónimos das regiões que os portugueses colonizaram foram estabelecidos a partir dos seus nomes nas línguas indígenas e, à medida que as colónias se tornaram países independentes, o processo de apropriação da língua favoreceu estes topónimos autóctones. Isto é particularmente evidente no Brasil, que se tornou um país independente em 1822. A diferenciação entre o português brasileiro e o português europeu também se verifica na adaptação de topónimos estrangeiros. Embora alguns contrastes sejam apenas variantes ortográficas (como *Singapura* (PE) e *Cingapura* (PB)), outros são também fonéticos, como *Irão*, no Português Europeu, vs. *Irã*, no Português do Brasil, ou *Vietnam* (PE) e *Vietnã* (PB), *Gronelândia* (PE) / *Groenlândia* (PB), *Jugoslávia* (PE) / *Iugoslávia* (PB), *Mónaco* (PE) / *Mônaco* (PB) ou *República Checa* (PE) / *República Tcheca* (PB).

3 Gentílicos

Como referimos acima, até à data, o estudo dos gentílicos não tem atraído a atenção dos linguistas portugueses. Os gentílicos são geralmente listados em ‘prontuários’, uma espécie de manual de estilo bastante popular durante o século XX, geralmente publicado por empresas jornalísticas. O mais famoso é o *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*, de Magnus Bergstrom e Neves Reis (doravante B&R), publicado pela primeira vez em 1955, pelo *Diário de Notícias*, e que conta já com mais de 50 reimpressões. Este prontuário inclui um vocabulário geográfico e define formas portuguesas para topónimos estrangeiros como *Oxónia* (para *Oxford*), *Ausburgo* (para *Habsburgo*), *Veroduno* (para *Verdun*) ou *Vesonção* (para *Besançon*). A maioria dessas ‘adaptações portuguesas’ nunca foi realmente utilizada por falantes de português, mas revela o propósito de fornecer formas padronizadas. O mesmo pode ser dito sobre os gentílicos. B&R listam cerca de 200 gentílicos. Alguns correspondem a um uso real, outros parecem ser formas que os autores consideraram adequadas, como *finês* ou *egipciaco*.

É provável que a inclusão de gentílicos em prontuários se deva ao facto de eles constituírem, muitas vezes, uma ‘dificuldade’ para os falantes, já que a sua forma pode não estar composicionalmente relacionada com a forma do topónimo. Com efeito, alguns gentílicos são formados derivacionalmente (cf. *lisboeta*, *portuense*, *coimbrão*), mas o sufixo que participa nestas formações não é sempre o mesmo e a escolha nem sempre é previsível, podendo, mesmo, introduzir algumas assimetrias entre o Português Europeu e o Português do Brasil: *polaco* (PE) / *polonês* (PB), *canadiano* (PE) / *canadense* (PB). Noutros casos, a formação dos gentílicos não se baseia na forma atual do topónimo, mas sim num equivalente latino desse topónimo. O gentílico é um derivado dessa forma latina, como no caso, por exemplo, do gentílico de *Santarém* (*escalabitano*, de *Scalibitas*), ou um composto neoclássico, como no caso de *Castelo Branco* (*albicastrense*, de *branco* = alb- + *castelo* = castr-).

A recente publicação de um vocabulário *online*, denominado *Dicionário de Gentílicos e Topónimos* (2007-2009)⁴, foi recebida com alguma expectativa, uma vez que levanta novamente a questão da padronização dos gentílicos e que a lista fornecida por B&R já merecia uma atualização crítica. No entanto, ao observarmos os casos anteriormente referidos de *finês* e *egípcio*, percebemos que o DGT endossa as formas do vocabulário de B&R, adicionando-lhes, ainda, *finense*, *finlandês*, *fino*, *finico* e *egípciano* e *egípcio*, o que sugere que este novo dicionário não se preocupa em avaliar criticamente a lista anterior, mas sim em reunir todas as formas de que tem notícia. Note-se que muitos destes gentílicos não fazem, de facto, parte do uso no português contemporâneo: uma pesquisa no *CetemPúblico* (um *corpus* online de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu recolhidas em textos de jornais) revela que apenas ocorrem as formas *finlandês* e *egípcio*.

Em seguida, apresentaremos um conjunto de observações sobre a disponibilidade dos recursos disponíveis para a formação de gentílicos e sobre o confronto entre as formas listadas no B&R e DGT e os registos nos primeiros dicionários do português e no *Corpus do Português* (doravante CdP)⁵.

3.1 Formação de gentílicos

Como já referimos, existem várias maneiras de formar gentílicos em português, mas a sua intervenção não obedece a regras estritas. A estratégia de formação de palavras mais comumente usada é de natureza morfológica e faz uso da sufixação. O conjunto de sufixos que podemos encontrar na formação de gentílicos inclui: *-ano/a* (*Alentejo* → *alentejanola*), *-ão/ã* (*Coimbra* → *coimbrão/coimbrã*), *-ato/a* (*Maia* → *maiato/a*), *-eiro/a* (*Póvoa* → *poveiro/a*), *-ense* (*Setúbal* → *setubalense*), *-ês/a* (*Miranda* → *mirandês/a*), *-eta*

⁴ Doravante DGT.

⁵ O CdP é um *corpus* textual que inclui diversos tipos de documentos portugueses do século XIV ao século XX.

(*Lisboa* → *lisboeta*), *-inola* (*Amarante* → *amarantinola*) e *-iola* (*Algarve* → *algarvio/a*). Trata-se de um conjunto de sufixos formadores de adjetivos relacionais, e que podem ser encontrados noutros tipos de palavras (cf. *urbanola*, *cristão/cristã*, *novatola*, *barbeiro/a*, *castrense*, *montês/a*, *perнета*, *crystalino/a*, *concelho/a*).

O uso destes sufixos na formação de gentílicos corresponde a uma configuração particular do vínculo relacional, já que estes adjetivos relacionam um substantivo com um determinado lugar de origem. A distribuição destes sufixos nunca foi estudada, mas há um contraste de produtividade que parece ser óbvio. Com efeito, alguns sufixos são bastante frequentes (cf. *-ano/a* em *alentejano/a*, *angolano/a*, *americano/a*, etc.; *-ense* em *setubalense*, *fareense*, *angrense*, etc. ou *-ês*, em *mirandês*, *francês*, *chinês*, etc.) e outros são pouco usados (cf. *-eiro/a* em *poveiro/a* ou *-eta*, que ocorre apenas em *lisboeta*). Igualmente pouco frequente é a formação sobre raízes e afixos latinos ou gregos, como *Bracara* (> *Braga*), que está na base de *bracarense*, ou *kalipolis* (obtido por uma espécie de retroversão de *Vila Viçosa* para grego), a partir da qual se formou *calipolense*.

A disponibilidade de tantos dispositivos morfológicos para a formação de palavras, aliada à ausência de uma normalização de base lexicológica, é certamente responsável pela existência de várias formas concorrentes para cada topónimo, registadas quer em B&R quer no DGT (como no caso de *Açores*, com três diferentes gentílicos: *açorenho*, *açorense*, *açoriano*). No entanto, esta competição é artificial. Para falantes nativos, apenas uma dessas formas concorrentes é realmente usada (de facto, *açoriano* é o único gentílico usado para *Açores*), a menos que exista uma diferenciação diacrónica (no caso de *macaista* / *macaense*) ou semântica (*poveiro* é um pescador da Póvoa; *povoense* é um natural dessa cidade).

A lista dos gentílicos deve, então, ser confrontada com os registos de uso.

3.2 Gentílicos em B&R e no DGT

Partindo do vocabulário geográfico listado por B&R, selecionámos uma amostra de 50 topónimos, que vai de da letra I à letra M e os respetivos gentílicos. Em seguida, fizemos idêntica seleção no DGT. Os dados encontrados estão registrados no Quadro 1.

Quadro 1 – gentílicos correspondentes a 50 topónimos, em B&R e no DGT.

topónimo	B&R	DGT
Idanha-a-nova	-	idanhense
Idanha-a-velha	egitano egitanense egitaniense	idanhense igeditano
Ílhavo	ilhavense	ilhavense
São Jorge	-	jorgense
Lagoa	-	lagoense
Lagos	lacobrigense	lacobrigense lacobricense
Lajes	-	lajense
Lamego	lamecense	lamecense
Leiria	leiriense	leiriense
Lisboa	lisboeta lisbonense lisbonino lisbonês lisboês olissiponense	lisboeta lisbonense lisbonino lisbonês lisboês olissiponense ulissiponense lisboano
Lordelo	-	lordelense
Loulé	louletano	louletano
Loures	-	lourense
Lourinhã	-	lourinhanense
Lousã	-	lousanense
Lousada	-	lousadense
Mação	-	maçaense maçadense
Machico	-	machiquense
Macedo de Cavaleiros	-	macedense
Madalena	-	madalenense
Mafra	-	mafrense

Maia	maiano	maiato
Mangualde	-	mangualdense
Manteigas	-	manteiguense
Marco de Canaveses	marcoense	canavês marcuense marquense
Marinha Grande	marinhense	marinhense
Matosinhos	-	matosinhense
Mealhada	-	mealhadense
Meda	-	medense
Melgaço	-	melgacense
Mértola	mertolense	mertolense mertolino
Mira	-	mirense
Miranda do Corvo	mirandense	mirandense mirandês corvino
Miranda do Douro	mirandense mirandês	mirandense
Mirandela	-	mirandelense
Mogadouro	-	mogadourense
Moimenta	-	moimentense
Moita	-	moitense
Monção	-	monçanense
Monchique	-	monchiquense
Mondim	-	mondinense
Monforte	-	monfortense
Montalegre	-	montalegrense
Montemor	-	montemoreense
Montijo	-	montijense
Mora	-	moreense
Mortágua	-	mortaguense
Moura	-	mourense
Mourão	-	mouranense
Murtosa	-	murtoseiro murtosense
50	21	66

Fonte: elaborado pelas autoras.

A lista de B&R contém 21 gentílicos, enquanto o DGT apresenta 66, o que corresponde a um aumento de mais de 50%. Este aumento é obtido principalmente pela inclusão de gentílicos para topónimos que não estavam presentes na lista de B&R.

Muitas dessas novas formas têm uma estrutura composicional e são produzidas pelo sufixo *-ense*.⁶ O aumento também é obtido, embora com menor expressão, pela inclusão de um gentílico alternativo para topónimos que já estavam presentes na lista de B&R. A natureza de algumas dessas novas formas é muito mais assistemática do que no caso dos gentílicos que não ocorriam na lista de B&R e que no DGT são, geralmente, formados com o sufixo *-ense*: há um caso raro de derivação composicional com *-ense* (i.e., *marquense*), e um outro caso em que a forma proposta por B&R é substituída, no DGT, por outra que parece criar uma maior aproximação entre o gentílico e o respetivo topónimo (*Idanha – idanhense*). Os restantes casos parecem ser o resultado da exploração dos recursos disponíveis para a derivação de gentílicos (cf. *lisboano, canavês, mertolino*). Um subconjunto menor corresponde a alternativas gráficas das formas já anteriormente atestadas (cf. *lacobrigense vs. lacobricense; olissiponense vs. ulissiponense; marcoense vs. marcuense*). As demais formas são semelhantes nas duas listas.

3.3 Consulta ao CdP

No B&R, 62% dos gentílicos são formados pelo sufixo *-ense* (outros sufixos, como *-ano, -ês, -eta* e *-ino*, têm no máximo 3 ocorrências). O DGT adiciona mais dois sufixos (i.e., *-ato* e *-eiro*) e aumenta a percentagem de formas em *-ense* para 80%. Poderá isto significar que *-ense* se está a tornar o sufixo mais produtivo na formação de gentílicos ou será apenas a sequência natural de uma tendência histórica no português?

Uma pesquisa no CdP, registada no Quadro 2, mostra a distribuição dos sufixos mais produtivos, do século XIV ao século XX.

⁶ O DGT acrescenta à lista de B&R 37 topónimos (um aumento de 74%) e 51 gentílicos, dos quais 43 (84%) são formados com o sufixo *-ense*.

Quadro 2 – sufixos na formação de gentílicos entre os séculos XIV e XX (CdP).

	<i>-ense</i>	<i>-ano</i>	<i>-ês</i>	<i>-ino</i>	<i>-eiro</i>
XIV	-	6	3	1	-
XV	15	39	2	3	-
XVI	16	201	261	8	-
XVII	153	585	271	9	-
XVIII	139	408	219	33	2
XIX	582	1183	2011	64	579
XX	2682	7757	10524	807	3019

Fonte: elaborado pelas autoras.

Na análise destes dados, não podemos ignorar que os sufixos *-ês* e *-eiro* estão presentes em duas palavras que são, naturalmente, muito frequentes neste *corpus*: os gentílicos *português* e *brasileiro*. O quadro 3 repete os dados do quadro 2, com um expurgo destas duas palavras.

Quadro 3 – sufixos na formação de gentílicos entre os séculos XIV e XX, expurgadas as formas *português* e *brasileiro* (CdP).

	<i>-ense</i>	<i>-ano</i>	<i>-ês</i>	<i>-ino</i>	<i>-eiro</i>
XIV	-	6	3	1	-
XV	15	39	2	3	-
XVI	16	201	65	8	-
XVII	153	585	120	9	-
XVIII	139	408	67	33	1
XIX	582	1183	1322	64	-
XX	2682	7757	5901	807	-

Fonte: elaborado pelas autoras.

Estes dados revelam que *-ano* é o sufixo mais frequente em quase todos os séculos. No entanto, este sufixo não serve para formar todos os tipos de gentílicos, já que se encontra principalmente em gentílicos relacionados com grupos étnicos, continentes e países, reinos ou regiões, tais como *africano*, *mauritano*, *romano* ou *toscano*. A maioria destes gentílicos conserva-se no português contemporâneo, referindo-se agora a cidades que foram reinos antigos (*veneziano*, *napolitano*). Alguns outros foram substituídos por novas formas: *etiopiano* por *etíope* ou *persiano* por *persa*.

Quanto ao sufixo *-ês*, a elevada frequência no século XIX deve-se ao facto de formar gentílicos relacionados com países frequentemente referidos na documentação portuguesa da época, como *inglês* ou *francês*. Se eliminarmos essas duas formas, teremos apenas 231 gentílicos terminados em *-ês*, sendo todos eles referentes a países (ex: *chinês*, *holandês*). Com exceção de *mirandês*, que tem apenas 6 ocorrências no século XX, não encontramos qualquer gentílico relacionado com uma cidade portuguesa formada com o sufixo *-ês*. Esta é uma descoberta bastante curiosa, já que *-ês* é um cognato de *-ense*, sufixo que é mais antigo no Português, pelo que seria de esperar que fosse mais frequente.

Esta constatação sugere que os gentílicos não são criações populares, mas clássicas, elaboradas por literatos e intelectuais. Note-se que, no *Verdadeiro Método de Estudar*, Luís António Verney afirma claramente que, uma vez que o povo não tem nomes específicos para os habitantes de uma determinada cidade, será lícito criar esses nomes:

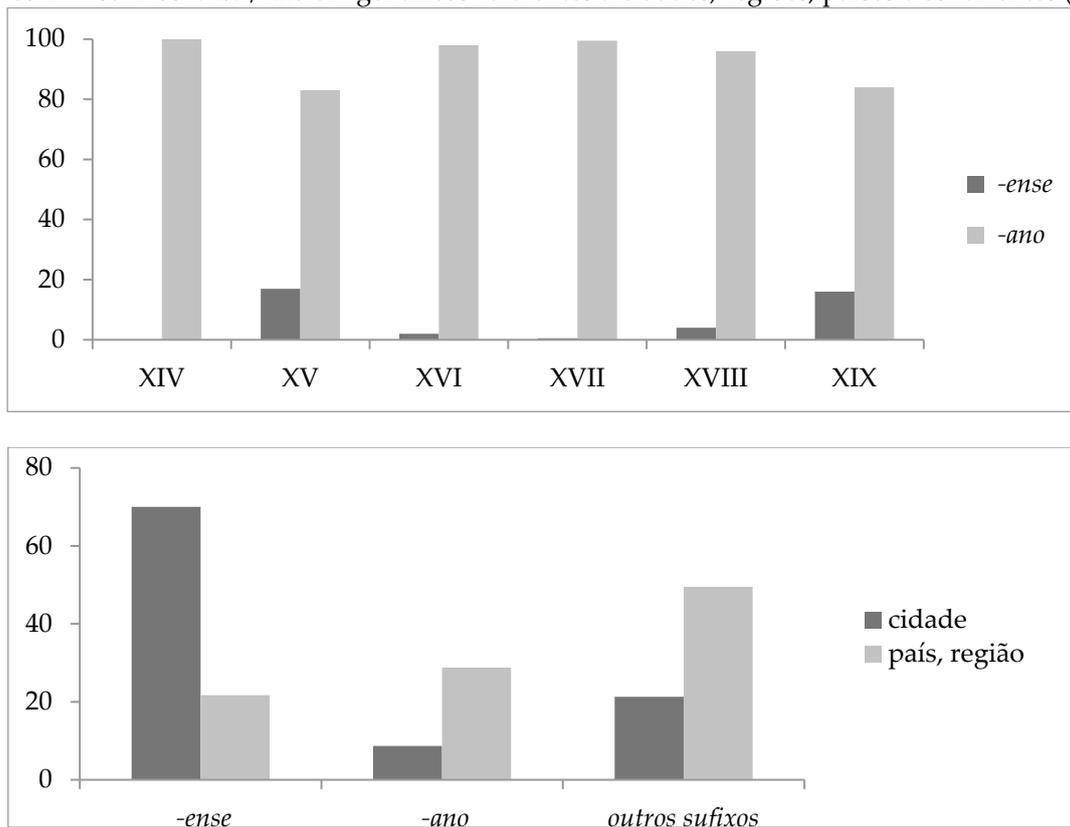
Comummente não se acham; mas dizem: um homem de Évora, um de Elvas etc. Neste caso, parece lícito fazer nomes novos, e dizer Evorense ou Eborense, Coimbreense, Portuense etc. E o mesmo dos outros, os quais podem terminar-se em duas maneiras: Algarviense (ou, com outra desinência romana, Algarviano), Alentejense (Alentejano), Beirense (Beirano) etc. Nos nomes de Províncias Ultramarinas, deve-se observar o mesmo, Brasiliense etc, Insolense, Indiano etc. (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1765)

Este excerto mostra que, em meados do século XVIII, os gentílicos não estão sistematicamente disponíveis e que há consciência ou vontade de os introduzir no léxico do português. Por outro lado, destas palavras de Verney pode, ainda, deduzir-se que este autor prefere o sufixo *-ense* para gerar gentílicos relacionados com cidades (por exemplo, *portuense*); e que, para os gentílicos que referem regiões ou países, está também disponível o sufixo *-ano* (*alentejense* ou *alentejano*).

De facto, o sufixo *-ense* está presente no *Corpus do Português* em todos os séculos e em todo o tipo de gentílicos: cidades (*bracarense*), regiões (*alentejense*) e países (*angolense*). Alguns desses gentílicos foram substituídos por formas em *-ano* (*alentejense* por *alentejano* e *angolense* por *angolano*), mas é possível que o português europeu e o português brasileiro tenham divergido neste domínio⁷.

A pesquisa no *Corpus do Português* mostra que o sufixo *-ense* é o mais frequente na formação de gentílicos relacionados com cidades e *-ano* é o sufixo preferencialmente escolhido para gerar gentílicos referentes a continentes, países, estados ou regiões. No CdP, não encontramos registos do sufixo *-ano* em gentílicos relacionados com cidades, mas há registos de *-ense* aplicado tanto a cidades como a países (vd. Figura 1).

Gráfico 1 — sufixos *-ense* / *-ano* em gentílicos referentes a cidades, regiões, países e continentes (CdP).



Fonte: elaborado pelas autoras.

⁷ Note-se que a forma *brasiliense* não está disponível no português europeu (*brasileiro* é sempre o gentílico relativo a Brasil). As 18 ocorrências de *brasiliense* que o CdP regista no século XX provêm de fontes brasileiras.

Estes dados diacrónicos confirmam-se na observação de uma nova amostra do DGT, que inclui topónimos começados por A, B, C e D, e os correspondentes 489 gentílicos: só 10% dos gentílicos em *-ano* referem cidades (ex. *Bragança-bragançano*, *Cuiabá-cuiabano*, *Bogotá-bogotano*). Parece, pois, que, mantendo embora a tendência do uso do sufixo *-ense* para formar gentílicos referentes a cidades, o DGT inclui gentílicos que fazem uso de outros sufixos. Por que razão?

O caso de um topónimo específico, como *Lisboa*, pode ser esclarecedor. B&R listam 6 gentílicos e o DGT aumenta esse número para 8 (vd. quadro 4).

Quadro 4 — gentílicos referentes ao topónimo *Lisboa* em B&R e no DGT.

Topónimo	Lista de B&R	DGT
Lisboa	lisboeta	lisboeta
	lisbonense	lisbonense
	lisbonino	lisbonino
	lisbonês	lisbonês
	lisboês	lisboês
	olissiponense	olissiponense ulissiponense lisboano

Fonte: elaborado pelas autoras.

No *Corpus do Português* encontramos *lisbonense* e *olis(s)iponense* no século XVII. No século XIX surge *lisboeta*, que se torna o gentílico mais comum para *Lisboa*. *Lisbonino*, *lisbonês*, *lisboês*, *lisboano* e *ulissiponense* nunca ocorrem (vd. quadro 5).

Quadro 5 — gentílicos referentes ao topónimo *Lisboa* no CdP.

CdP	XVII	XVIII	XIX	XX
lisbonense	2	2	8	3
lisboense	-	2	-	1
lisboeta	-	-	31	171
lisbonino	-	-	-	-
lisbonês	-	-	-	-
lisboês	-	-	-	-
lisboano	-	-	-	-
olis(s)iponense	1	-	1	2
ulissiponense	-	-	-	-

Fonte: elaborado pelas autoras.

Lisboeta pode ser uma criação recente e local e ainda não devidamente explicada, mas quem criou todos os outros gentílicos? Se recorrermos a fontes lexicográficas, percebemos que Bluteau, um dos nossos primeiros lexicógrafos, só conhece *lisbonense*; Madureira Feijó, não muito depois, acrescenta a variante *lisboense*; no início do século XX, o dicionário de Cândido de Figueiredo, que habitualmente explora as possibilidades disponíveis para a derivação no português, acrescenta todos os outros gentílicos.

Ainda que o *Cetem Público* revele que, à exceção de *lisbonense* e *olisiponense*, bastante raros, *lisboeta* é a única palavra realmente usada (vd. quadro 6), daí em diante, como mostra a *Infopedia* (um dicionário *online* que é comumente considerado o dicionário de referência para o português europeu contemporâneo), os dicionários e vocabulários passaram a incluir todos estes gentílicos.

Quadro 6 — gentílicos referentes ao topónimo *Lisboa*.

	Bluteau 1712-28	Feijó 1734	Figueiredo 1913	Infopedia	CetemPublico
lisbonense	√	√	√	√	12
lisboense		√		√	1
lisboeta			√	√	5387
lisbonino			√	√	
lisbonês			√	√	
lisboês			√	√	
lisboano			√	√	
olis(s)iponense			√	√	14
ulissiponense			√	√	1

Fonte: elaborado pelas autoras.

4 Considerações finais

O levantamento do estado da arte da toponímia e dos gentílicos portugueses revela uma pobreza assustadora. Por essa razão, poder-se-ia esperar que um novo dicionário de topónimos e gentílicos, como o DGT, fornecesse uma abordagem nova e mais produtiva para este campo de estudos. Infelizmente, o DGT parece preocupar-se,

apenas, em aumentar o número total de topónimos e gentílicos listados. Aparentemente, este novo dicionário limitou-se a compilar vocabulários e dicionários anteriores, conservando, por isso, gentílicos que, na verdade, não têm frequência significativa no português contemporâneo. E, claro, isso também significa que a necessidade de uma padronização sistemática e solidamente fundamentada para a formação de gentílicos no português continua a fazer-se sentir, tanto quanto no tempo em que Verney escreveu que

Tanto na introdução de nomes novos, como na pronúncia dos antigos, sempre se deve cuidar em adoçar a pronúncia e fazê-la, quanto mais puder ser, fácil. Nisto, pois, há muito que condenar em Portugal. (Luís António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar*, 1765)

Em suma, desde Verney, não fizemos muitos progressos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, A. R., **Diccionario Chorographico do reino de Portugal**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1878. Disponível em: <https://purl.pt/13921/5/>. Acesso em: 08 set. 2020.

BAPTISTA, J.; OLIVEIRA, J. J. B., **Chorographia moderna do Reino de Portugal**. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias, 1874-1879, 7 vol. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=FOIWAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false/>. Acesso em: 09 set. 2020.

BARREIROS, G., **Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de M.D.xxxxvj. começando na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia; com algumas outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte**, 1561. Disponível em: <https://archive.org/details/chorographiadeal00barr/>. Acesso em: 08 set. 2020.

BERGSTROM, M.; REIS, N., **Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa**. Lisboa: Diário de Notícias, 1955.

BETTENCOURT, E. A. **Diccionario chorographico de Portugal e Ilhas Adjacentes contendo as divisões administrativa, judicial, eclesiastica e militar ultimamente decretadas.** Lisboa: Typographia Universal, 1885³ [1870].

BLUTEAU, R., **Vocabulario portuguez e latino.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa Occidental: Off. de Pascoal da Sylva. 10 v. v. 1-2, 1712; v. 3-4, 1713; v. 5, 1716; v. 6-7, 1720; v. 8, 1721; Suplemento 1, 1727; Suplemento 2, 1728. Disponível em: <https://dlc.ua.pt/DICIweb/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CARDOSO, L. **Diccionario geografico ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas.** Lisboa: Regia Officina Silviana, 1747-1751, 2 vol. Disponível em: <https://purl.pt/13938/>. Acesso em: 10 set. 2020.

CARVALHO, T. A. (dir.). **Diccionario de geographia universal. Por uma Sociedade de Homens de Sciencia.** Lisboa: David Corazzi, 1878-1887, 4 vol.

CASTRO, J. B. **Mappa de Portugal antigo e moderno.** 2^a ed. rev. e aum. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762-1763, 3 vol. Disponível em: <https://purl.pt/22133/>. Acesso em: 10 set. 2020.

CETEMPúblico. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/CETEMPúblico/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

COSTA, A. C. **Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, com as noticias das fundaçoens das cidades, villas e lugares, que contêm; varoens illustres, genealogias das familias nobres, fundaçoens de conventos, catalogos dos bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens.** Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868-1869²[1706-1712], 3 vol. Disponível em: <https://purl.pt/434/>. Acesso em: 08 set. 2020.

COSTA, A., **Diccionario chorographico de Portugal continental e insular: hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico.** Porto: Civilização, 1929-1949, 12 vol.

Dicionário de Gentílicos e Topónimos. Disponível em: <https://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=genticos>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Ed., 2003-2018. Disponível em: <https://infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>. Acesso em: 03 jul. 2020.

FEIJÓ, J. M. M. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo Duque de Lafoens.** Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues Fonseca, 1734. Disponível em: <https://purl.pt/13/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FIGUEIREDO, C. de. **Novo dictionario da lingua portuguesa.** Nova ed. corr. e copiosamente ampl. Lisboa: A.M. Teixeira. 2 v., 1913²[1899]. Disponível em: <https://dicionario-aberto.net/estaticos/about.html/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FRAZÃO, A. C. A. **Novo dicionário corográfico de Portugal: Continente e Ilhas Adjacentes.** 2ª ed. aum., rev. e actual, por A. A. Dinis Cabral. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1981.

LEAL, A. S. d' A. B. de P.; FERREIRA, P. A., **Portugal antigo e moderno: dictionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.** Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1873-1890, 12 vol. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=FpkDAAAAYAAI&hl=pt-PT&source=gbs_book_similarbooks/. Acesso em: 08 set. 2020.

LOPES, J. B. da S. (coord.). **Diccionario postal e chorographico do Reino de Portugal, comprehendendo a divisão administrativa, judicial e ecclesiastica do Continente do Reino e dos archipelagos dos Açores e Madeira.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1891-1894. 3 vol.

MACHADO, J. P., **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Lisboa: Horizonte, 1995⁷[1952].

MACHADO, J. P., **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa.** Lisboa: Horizonte, 1993²[1984].

MARQUES, P. J., **Diccionario geographico abbreviado das oito provincias dos reinos de Portugal e dos Algarves, com a designação dos concelhos, comarcas, districtos, provincias, dioceses, oragos, freguezias, congvas respectivas, legoas de distancia,**

correios e feiras. Seguido de interessantes noticias corographicas e historicas; assim como d'uma tabella demonstrativa das Comarcas judiciais, concelhos, numero de fogos, etc. Porto: Typ. Commercial, 1853.

MEIRELES, V. R., **Promptuário das Terras de Portugal**, 1689, Manuscrito 2298, na Biblioteca Nacional.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. **Reportório Toponímico de Portugal** – 03 – Continente. Carta 1:25.000. Serviço cartográfico do exército: fevereiro de 1967. Volume I (A-E).

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. **Reportório Toponímico de Portugal** – 03 – Continente. Carta 1:25.000. Serviço cartográfico do exército: fevereiro de 1967. Volume II (F-P).

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. **Reportório Toponímico de Portugal** – 03 – Continente. Carta 1:25.000. Serviço cartográfico do exército: fevereiro de 1967. Volume III (Q-Z).

Online Etymology Dictionary. Disponível em: <https://www.etymonline.com/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon, Disponível em: <https://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=1/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

PEREIRA, A. F., [pseudónimo de Francisco dos Prazeres Maranhão]. **Diccionario geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas**. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1852.

Trésor de la langue Française informatisé, ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em: <https://www.atilf.fr/tlfi/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

VASCONCELOS, J. L. de, (coord.). **Diccionario da Chorographia de Portugal contendo a indicação de todas as cidades, villas e freguezias**. Porto: Livraria Portuense de Clavel. 1884. Disponível em: <https://purl.pt/13910/>. Acesso em: 09 set. 2020.

VERNEY, L. A. **Verdadeiro metodo de estudar: para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. / Exposto em varias cartas, escritas polo R. P. * * * Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. * * * Doutor na Universidade de Coimbra**. Valensa [Nápoles]: oficina de Antonio Balle [Genaro e Vicenzo Muzio], 1746. Disponível em: <https://purl.pt/118/>. Acesso em: 10 set. 2020.

Artigo recebido em: 17.09.2020

Artigo aprovado em: 13.12.2020